

**A RELAÇÃO ENTRE O *ETHOS* FEMININO
E OS MODALIZADORES EM ATIVIDADES DE *LISTENING*:
UMA ANÁLISE COMPARATIVA ENTRE AS COLEÇÕES
WAY TO GO! E *VOICES PLUS***

Rafaela Sepulveda Aleixo Lima (UENF e IFF)

rafaelasepulveda@gmail.com

Victor Ribeiro Lima (UENF)

victor.limacivil@gmail.com

RESUMO

A língua inglesa, como língua de comunicação interétnica e de agenciamento crítico, assume uma função de língua franca, trazendo à tona discussões acerca dos sentimentos de não identificação e dos discursos de valores globalizantes presentes nos livros didáticos de língua inglesa. Neste contexto, esta pesquisa tem como objetivo geral analisar a relação entre o *ethos* feminino e os modalizadores em atividades de *listening* nos primeiros volumes das coleções mais e menos adotadas, respectivamente, *Way to go!* (Editora Ática, 2016) e *Voices Plus* (Editora Richmond, 2016), no último Programa Nacional do Livro Didático do Ensino Médio (PNLEM, 2018). Para tal, discutem-se os valores, comportamentos e ideais do sistema patriarcal à luz da teoria feminista (SAFFIOTI, 1979; BOURDIEU, 1989); define-se o *ethos* através das teorias de Maingueneau (2018); compreendem-se as modalizações deonticas, epistêmicas e categóricas de Kock (2004); e, por fim, analisam-se quais *éthe* são discursivamente incorporados nos referidos volumes. Assim, percebe-se que a coleção *Way to go!* está centrada nas dimensões experienciais e categoriais (do *ethos*) efetivando um *ethos* comportamental que naturaliza estereótipos femininos. Já a coleção *Voices Plus* está centrada na dimensão ideológica, incorporando um *ethos* feminista e dando visibilidade às lutas das mulheres.

Palavras-chave:

Modalizadores. *Ethos* feminino. Livros didáticos.

ABSTRACT

The English language, as a language of interethnic communication and critical agency, assumes a *lingua franca* function, bringing to light the feelings of non-identification and the discourses of globalizing values present in English language textbooks. In this context, this research aims to analyze the relation between female *ethos* and the modalizers in *Listening* activities in the first volumes of textbooks from the most and least adopted collections, respectively *Way to go!* (Ática Publishing, 2016) and *Voices Plus* (Richmond Publishing, 2016), in the last National High School Textbook Plan (PNLEM, 2018). To this end, we discuss the values, behaviors, and ideals of the patriarchal system in light of feminist theory (SAFFIOTI, 1979; BOURDIEU, 1989); *ethos* is defined through the theories of Maingueneau (2018); deontic, epistemic, and categorical modalizations of Kock (2004) are understood; and, finally, it's analyzed which *éthe* are discursively incorporated in the referred volumes.

Thus, it can be seen that the collection *Way to go!* is centered on the experiential and categorical dimensions (of *ethos*) effecting a behavioral *ethos* that naturalizes feminine stereotypes. The *Voices Plus* collection, on the other hand, is centered in the ideological dimension, incorporating a feminist ethos and giving visibility to women's struggles.

Keywords:

Modalizers. Textbooks. Female *Ethos*.

1. *Introdução*

Na pós-modernidade, pensar nos fluxos globais é pensar em negociações culturais possibilitadas pela língua inglesa (LI) como língua de comunicação interétnica e de agenciamento crítico. Nessa perspectiva é necessário priorizar uma função social e política da língua como língua franca (ILF). Essa mudança de paradigmas traz à tona discussões acerca dos sentimentos de não identificação com a língua e dos discursos de valores globalizantes, inclusive nos livros didáticos de língua inglesa (LDIs). Sendo, pois, um instrumento mobilizador de forças, eles têm o poder de atribuir propriedades às representações identitárias, naturalizando ou subvertendo discursos de dominação simbólica.

Analisar a questão da representatividade feminina implica analisar estratégias discursivas disciplinadoras de agir sobre sua identidade que visam por vezes a assegurar as bases patriarcais da sociedade, identificando como esse corpo em movimento se desloca na enunciação, reivindicando para si a autoridade do que é falado. A partir dessa trama conceitual, a presente pesquisa tem como objetivo geral analisar a relação estabelecida entre o *ethos* feminino e os modalizadores em atividades de *Listening* nos primeiros volumes de LDIs das coleções mais e menos adotadas, respectivamente, *Way to go!* (Editora Ática, 2016) e *Voices Plus* (Editora Richmond, 2016), no último Programa Nacional do Livro Didático do Ensino Médio (PNLEM, 2018).

Esta pesquisa de natureza discursiva com cunho bibliográfico, exploratório e documental visa a responder à seguinte questão-problema: Quais *éthe* são discursivamente instituídos nos volumes analisados a partir do uso dos modalizadores? Para tal, desenvolvem-se os seguintes objetivos específicos: busca-se compreender algumas lutas femininas na contemporaneidade; explica-se a questão do feminino a partir de teorias de gênero; define-se o *ethos* à luz das teorias de Dominique Maingueneau da Análise do Discurso; compreendem-se as modalizações deonticas, epistêmicas e categóricas de Ingedore Kock; analisa-se quais *éthe* são dis-

curtivamente incorporados através dos modalizadores nos volumes 1 das coleções de LDIs, *Way to go!* e *Voices Plus*.

A escolha do LD versa sobre sua importância cultural e ideológica e seu impacto na formação integral dos alunos do Ensino Médio como recurso didático mais disponível no país (BRITISH COUNCIL, 2019). Como instância discursiva, ele tem potencial comunicativo de construir valores e estabelecer um vínculo entre os saberes e as experiências. Tratar a questão feminina no Ensino Médio é uma forma de reconhecimento à sua luta e de conscientização dos problemas de gênero que afetam as mulheres, especialmente as brasileiras²⁵. A escolha de atividades de *Listening recai* sobre a importância da habilidade (*input*) na interação para o desenvolvimento de outras em um sentido pragmático e funcional da língua (BROWN, 1994).

2. A questão do gênero feminino e a politização da diferença

O feminismo é a tomada de consciência das mulheres como coletivo humano, da opressão, da dominação e exploração de que foram e são objeto por parte do coletivo de homens no seio do patriarcado sob suas diferentes fases históricas. (GARCIA, 2011, p. 13)

Partindo desse princípio, o feminismo se articula duplamente com a filosofia política e movimento social. A capacidade emancipadora do feminismo supõe enxergar as pequenas manobras do patriarcado, desvelando relações de exclusão e submissão femininas (cultural e socialmente forçadas) e construindo uma nova ética para as relações sociais e culturais. No entanto, o domínio do sujeito e da subjetividade não está num lugar vazio. Ele é permeado por aspectos ideológicos que posicionam distintivamente os sujeitos em momentos diferentes de sua existência.

Saffioti (1979, p. 20) define o patriarcado como “uma forma de organização social baseada na tomada de poder histórico por parte dos homens que se apropriaram das dimensões subjetivas e objetivas de ser mulher”. Diante dessa perspectiva, analisar o patriarcado é um trabalho

²⁵ De acordo com o mapa do Monitor da Violência (2020), o Brasil teve 631 mulheres mortas pela condição de gênero. O país teve 119.546 casos de lesão corporal dolosa em decorrência de violência doméstica, 9.310 estupros e 13.379 estupros de vulnerável. O Brasil ocupa a 130ª posição (entre 153 países) no quesito igualdade salarial entre homens e mulheres e apenas 20% das empresas tem mulheres em cargos elevados. Na análise detalhada de quesitos, o Brasil tem o melhor desempenho em saúde – ocupa a primeira colocação no ranking –, e o pior resultado em empoderamento político – o país está no 104º lugar.

complexo, pois este se vale de instrumentos específicos dentro de cada *lôcus* cultural para manter estereótipos baseados em papéis sexuais. Embora as mulheres tenham tido conquistas significativas social e politicamente, o patriarcado se esboroa nas fronteiras culturais adquirindo novas formas de *habitus* a fim de naturalizar a *hêxis* corporal (BOURDIEU, 1989). Dentro dessas fronteiras, o sexismo se define como “(...) o conjunto de todos e cada um dos métodos empregados no seio do patriarcado para manter a situação de inferioridade, subordinação e exploração do sexo dominado: o feminino” (GARCIA, 2011, p. 17).

Analisar o patriarcado através do feminismo como corrente epistêmica-metodológica possibilitou compreender como seus domínios e controle se estendiam das relações sexuais a questões do trabalho. Surgiria, por exemplo, a expressão popular “feminismo no colarinho-rosa” para denunciar a exploração econômica de trabalhos “femininos, não profissionais em escritórios” (FRASER, 2006, p. 234). Questões de gênero, raça e classe foram analisadas com vistas à interseccionalidade (CRENSHAW, 1989). A linguagem foi um outro aspecto abordado nas discussões feministas dado a necessidade do “(...) desenvolvimento de uma linguagem capaz de representá-las completa ou adequadamente a fim de promover a visibilidade política das mulheres” (BUTLER, 2003, p. 18).

A prática de reduzir a mulher à natureza, ou naturalizar a diferença foi típica de políticas patriarcais/sexistas de representação. A naturalização é uma estratégia representacional cuja tentativa é a de assegurar o fechamento discursivo e ideológico, interpelando os sujeitos a assumir um lugar “natural” fixando a diferença. Em suma: ela é um estereótipo. Nesta trama complexa, o corpo (espaço de poder), o sexo (espaço discursivo), a sexualidade (dispositivo de poder) e o gênero (espaço performativo) convergem-se na formação da identidade feminina sem um papel fixo, mas flutuando ao sabor das agências performativas. A partir dessa perspectiva, “o sexo feminino constitui aquilo que não se pode restringir nem designar, ele é múltiplo. É uma construção sócio-histórica” (BUTLER, 2003, p. 29).

O corpo generificado da mulher tornou-se símbolo de resistência, “(...) uma construção cultural e histórica viva, com inteligibilidade própria; ele se expressa e participa do pensamento, ele faz pensar” (MACHADO, 2010, p. 26). Os padrões de corporeidade e as narrativas de beleza também passaram a ser analisados como mecanismos do patriarcado. Assim, o feminismo deixou de ser uma manifestação por igualdade e se

tornou um compromisso teórico, social e político com as questões da mulher, cujas “(...) metodologias nos impelem a explorar questões que nem sempre são aparentes. E nos impulsionam a explorar contradições e descobrir o que há de produtivo nelas” (DAVIS, [1981] 2018, p. 99). A multiplicidade da opressão patriarcal requer uma escrita feminina sob a ótica da interseccionalidade e ativismo em direção à mudança social e política.

3. A constituição do *ethos* no universo do discurso

Aceitando a prática discursiva como prática intersemiótica “(...) supõe-se que quaisquer manifestações simbólicas de uma sociedade estejam inseridas e condicionadas pelas condições de produção, que por hora são históricoideológicas” (MAINGUENEAU, 2011, p. 25). Logo, encarar o *ethos* como um papel fixo e determinado tornou-se insuficiente, pois, primeiro, a personalidade de um sujeito é tecida por inúmeros “papéis” e, segundo, pela enunciação o discurso regula o sujeito que o sustenta e o leitor que pretende ter. “A noção de *ethos* é uma noção com interesse essencialmente prático e responde a questões empíricas efetivas, co-extensivas ao nosso próprio ser” (AUCHLIN, 2001, p. 93 *apud* MAINGUENEAU, 2011, p. 12).

Ao acomodar os elementos do *ethos* à discursividade, discurso e “corpo” tornam-se indissociáveis. Maingueneau (1997, p.48) recorre ao termo “incorporação” para designar “(...) esta mescla essencial entre uma formação discursiva e seu *ethos*, que ocorre através do procedimento enunciativo.” Ele continua a explicar que a ação do *ethos* sobre o coenunciador ocorre em três distintos níveis: (1) na enunciação, o coenunciador atribui um *ethos* ao fiador dando-lhe um corpo; (2) o coenunciador incorpora um conjunto de esquemas socioculturais que definem uma forma específica de se inscrever no mundo; (3) e essas duas incorporações constituem o corpo da comunidade imaginária dos que comungam da adesão a um mesmo discurso.

Para o autor, o discurso ativa determinados mundos éticos. Esse mundo ético tem seus *éthe* relativamente estáveis, fixados. O mundo ético dos executivos inclui cenas de homens poderosos trabalhando em arranha-céus, o mundo das celebridades inclui sessões fotos, paparazzi, eventos de tapete vermelho. A enunciação insere o fiador em um mundo ético peculiar. Cada conjuntura histórica se caracteriza por um regime específico de *éthe*. No que se refere a essa pesquisa, o mundo ético feminino é complexo e vasto, podendo conduzir a uma figura estereotípica

(sensível, passional, sensual, vaidosa, romântica, consumista) ou libertária, desconstruída pelo gênero, que pode ou não ser efetivada pelo discurso por diferentes marcas entre as quais figuram os modalizadores.

“Dizer não é algo simples, pois não se trata de algo mecânico” (FAÏTA, 2002, p.49). Dizer implica compreender o papel do outro na situação de comunicação. Maingueneau postula que “cada discurso define o *estatuto* que o enunciador deve se atribuir e o que deve atribuir a seu destinatário para legitimar seu dizer” (MAINGUENEAU, 2008a [1984], p. 87 – grifo do autor). Em termos de discurso o enunciador dispõe de um lugar em que projeta uma imagem de si, “um *tom* que dá autoridade ao que é dito” (MAINGUENEAU, 2004, p. 98, grifo do autor). O “tom” está relacionado à intenção de uma consciência dotada de uma “vocalidade”, uma característica discursiva que investe o enunciador de credibilidade e confiabilidade e faz emergir o “fiador”, que é a representação que o leitor faz do enunciador a partir de índices textuais.

A imagem discursiva constitui-se de duas propriedades: caráter, considerado um feixe de traços psicológicos, e corporalidade, “(...) não um corpo como presença plena, nem o corpo do autor efetivo, mas uma espécie de fantasma induzido pelo destinatário como correlato de sua leitura.” (MAINGUENEAU, 1997, p. 47). Assim, ele propõe três dimensões que interagem para a formação do *ethos*: (1) a dimensão categorial que recobre os papéis discursivos (ligados à enunciação) e os extradiscursivos (ligados aos papéis sociais); (2) a dimensão experiencial que se refere às características sociopsicológicas estereotipadas (lado amoroso da mãe, lado sentimental da mulher, lado inocente do camponês); e (3) a dimensão ideológica (ser feminista, ser conservador, ser político).

Segundo Maingueneau (2018) a representação prévia do *ethos* é denominada “*ethos* pré-discursivo ou prévio” uma noção discursiva interativa que não preexiste à enunciação. A saber: é através do enunciado e da cenografia que o coenunciador constrói o *ethos* pré-discursivo e o fiador, simultaneamente, legitima sua maneira de dizer e valida a própria cena. Há ainda um desdobramento do *ethos* em: dito e mostrado. No caso do *ethos* dito, “(...) trata-se das diferentes formas que o fiador utiliza para evocar, indiretamente, o *ethos* do discurso que ele materializa” (MAINGUENEAU, 2018, p. 183). O *ethos* mostrado, propriamente discursivo, diz respeito a todas as marcas enunciativas – semântica global – que particularizam o modo de ser do enunciador. Ao confrontá-los no discurso, pode haver uma ruptura (em caso de divergência entre eles), uma convergência (o *ethos* dito se sustenta pelo mostrado) ou um apagamento do

dito em favor do *ethos* mostrado.

Quanto ao *ethos* efetivo, ele é um efeito do discurso, uma experiência sensível, o resultado de uma dinâmica discursiva contínua entre diversas dimensões do próprio *ethos* (pré-discursivo, dito e mostrado) através de uma percepção da ancoragem estereotípica e dos índices textuais. Amossy (2016, p. 121) ainda complementa que “a efetivação do *ethos* e seu efetivo depende de ele ser *reconhecido* como tal. Esse reconhecimento só acontece sob as condições discursivas que o definem como legítimo”.

4. Os modalizadores e suas implicações em construções discursivas

Diversas marcas enunciativas auxiliam a construção do *ethos* discursivo como pronomes pessoais, desinências verbais, advérbios de tempo e modo, seleção lexical, adjetivos, termos avaliativos, etc. Essa pesquisa se foca nos estudos de linguística pragmática de Ingedore Koch (2004), que afirma que

[...] ao produzir um discurso, o locutor manifesta suas intenções e sua atitude perante os enunciados que produz através de sucessivos atos ilocucionários de modalização, que atualizam por meio dos diversos modos de lexicalização que a língua oferece. (KOCK, 2004, p. 86-7)

Para a autora, há três tipos de modalização:

a) Modalização deôntica: refere-se ao posicionamento do enunciativo frente ao enunciador e aos interlocutores (conduta e comportamento), podendo se manifestar através de: performativos explícitos (eu ordeno, eu proíbo, eu permito, etc.), auxiliares modais (poder, dever, querer, precisar, etc.), formas verbais perifrásticas (poder, dever, querer, etc. + infinitivo), predicados cristalizados (é proibido, é permitido, etc.), modos e tempos verbais (imperativo, futuro do presente, certos empregos do subjuntivo e do infinitivo, etc.), entre outros elementos.

b) Modalização epistêmica: refere-se ao posicionamento do enunciativo acerca do teor de verdade da sua proposição (comprometimento/distanciamento), podendo se manifestar através de: advérbios (sobretudo terminados em -mente), verbos modais (poder, principalmente para indicar baixo comprometimento), tempos verbais hipotéticos (tais como o futuro do pretérito do modo indicativo), adjetivos (provável, inevitável, certo, etc., podendo ocorrer também em predicados cristalizados), entre outros elementos.

c) Modalização categórica: refere-se ao enunciador (eu) não marcado no enunciado para serem tomadas como verdades, que ocorre principalmente com enunciados no tempo verbal presente do modo indicativo, conferindo ao discurso um tom “imparcial”. No entanto, Koch (2004, p. 84) afirma que “a ocultação modal é acompanhada de uma ‘retórica do neutro’ em que o locutor oculta sua enunciação para melhor convencer por meio de seu enunciado.”

Os efeitos enunciativos produzidos pelos modalizadores não dependem, portanto apenas de características textuais, mas de estratégias cognitivas que variam conforme o contexto, o objetivo e a intenção a fim de construir representações discursivas. De acordo com Kock (2004) os modalizadores são articuladores metadiscursivos que integram segmentos textuais e a própria atividade enunciativa. Eles são, portanto, produtos de uma exteriorização semântica cuja significação oriunda de um escopo conceitual de princípios diretivos que normatizam o discurso e estabelecem diferentes marcas linguísticas de poder entre interlocutores.

5. Uma análise do ethos feminino e dos modalizadores em atividades de Listening nas coleções *Way to go!* e *Voices plus*

Nesta seção será realizada a análise do *corpus* selecionado para a pesquisa à luz das concepções teóricas anteriormente abordadas. Conforme publicado na Portaria nº 62, de 10 de agosto de 2017, disponibilizada no Portal MEC²⁶, foram aprovadas as seguintes obras no Programa Nacional do Livro Didático do Ensino Médio – PNLEM (2018): *Way to Go!* (Editora Ática), *Learn and Share* (Editora Ática), *Alive High* (Editora SM), *Circles* (Editora FTD) e *Voices Plus* (Editora Richmond). A partir dos dados estatísticos disponibilizados pelo MEC, identificaram-se as coleções mais adotada, Coleção *Way to go!* (Editora Ática, 2016) e menos adotada, *Voices Plus* (Editora Richmond, 2016).

Partindo da premissa que os LDs ritualizam e mediam discursivamente a atividade didático-pedagógica reafirmando um projeto discursivo autoral, é possível identificar que cada volume de uma coleção traz uma série de conteúdos específicos voltados para a educação linguística, de determinado ciclo (1º, 2º e 3º anos do Ensino Médio). A título da pesquisa aqui desenvolvida, adota-se apenas o primeiro volume de cada coleção, dado que esse grupo de alunos é submetido a avaliações como o

²⁶ Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/component/content/article?id=12391:pnld>.

PISA (*Programme for International Student Assessment*). Optou-se por traduzir os trechos citados para língua portuguesa por meio da tradução cultural (Cf. BURKE; HSIA, 2009).

É oportuno dizer que, por se tratar de uma obra didática, as atividades de *Listening* (compreensão auditiva) apresentadas em ambas as coleções apresentam um grau elevado de monitoramento linguístico (Cf. BORTONI-RICARDO, 2004). Elas são reproduções encontradas em plataformas digitais como *YouTube* (entrevistas, reportagens, depoimentos) ou de produção da própria editora. Outro aspecto é: por se tratar de um LD todas as faixas são previamente escolhidas, o que fortalece o caráter intencional e ideológico do projeto autoral. Perante tais fatos, no decorrer da análise evidenciam-se dinamicamente os *éthe* discursivos (mostrado e dito) e os modalizadores para que ao final seja compreendido como essa “maneira de dizer da mulher”, autorizada pelo LDI, reflete também uma “maneira de ser”.

5.1. Análise da coleção *Way to go!* (Editora Ática, 2016)

O Guia Digital do Livro Didático referente ao PNLD 2018 afirma que a coleção se pauta na perspectiva sociointeracional da linguagem, no multiletramento e nos gêneros discursivos no sentido bakhtianiano. Há uma grande variedade de gêneros discursivos que contemplam a diversidade cultural dos falantes de língua inglesa. O destaque da coleção é a compreensão escrita, com ênfase para estratégias de leitura. Por outro lado, as atividades de *Listening* não são enfatizadas e desenvolvidas com maior profundidade. Na apresentação da obra, os autores Claudio Franco e Kátia Tavares afirmam que o objetivo da coleção é a formação do aluno para o uso da língua em práticas sociais e por isso apresentam “(...) uma grande variedade de gêneros textuais e de temas de relevância social” (TAVARES; FRANCO, 2016).

A coleção apresenta o mesmo padrão didático para os três volumes, organizados em torno das seguintes seções: *Warming up*, *Reading*, *Vocabulary Study*, *Language in use*, *Listening and Speaking*, *Writing*, *Looking ahead*, *Language Reference*, *Extra Practice* e *Extra activities*. O primeiro volume da coleção apresenta-se dividido da seguinte forma: unidade 1: *Studying With Technology*; unidade 2: *Save The World! Go green!*; unidade 3: *Traveling around Brazil*; unidade 4: *Feel the image, feel the feeling*; unidade 5: *Old Heroes, new heroes*; unidade 6: *Inventions and discoveries*; unidade 7: *Have fun and get fit*; e unidade 8: *Ex-*

press yourself in words. Observa-se que a temática é variada abordando os seguintes assuntos, respectivamente: tecnologia, consciência ambiental, turismo, arte, heróis, invenções e descobertas, diversão e expressão verbal.

A unidade 1, *Studying with Technology* (*Estudando com tecnologia*) e a unidade 6 *Inventions and Discoveries* (*Invenções e Descobertas*) têm a “inovação” como eixo comum. Há apenas uma atividade de *Listening*, envolvendo duas adolescentes: o computador de uma delas, Emilly, quebrou e ela diz que não irá consertar, argumentando “Eu odeio toda essa coisa de rede social. Eu acho que é muito impessoal” (FRANCO; TAVARES, 2016, p. 31, tradução nossa). O uso do modalizador deôntico *simple present* (presente do indicativo) expressa a certeza (tom) da locutora, dando autoridade a seu discurso. O uso do modalizador epistêmico *realmente* e a repetição corroboram a efetivação de um *ethos* incisivo, irritado “É realmente, realmente muito chato!” e “Eu só odeio, odeio computadores.”

A unidade 5, *Old heroes, new heroes* (*Velhos heróis, novos heróis*) apresenta no plano imagético uma foto da Mulher Maravilha e uma imagem da deusa grega Atena. Todos os demais heróis são do gênero masculino (Zeus, Homem Aranha, Batman, Ayrton Senna, Aquaman, Martin Luther King, John Lennon, entre outros). O arquétipo tradicional do herói, reproduzido pelas construções culturais machistas, como “(...) homem caucasiano, dominador, forte, violento, inteligente” (MIRANDA; OLIVEIRA, 2017, p. 3), foi também reproduzido no volume 1, criando uma fantasia sobre o poder masculino. A baixa representatividade feminina (presença apenas da Mulher Maravilha) é o reflexo institucional da desapropriação da mulher de lugares de poder, imposta pelo patriarcado.

Na atividade de *Listening* contam-se histórias sobre heróis modernos, dentre eles Zilda Arns e Indira Gandhi (Cf. FRANCO; TAVARES, 2016, p. 99 – traduções nossas). Após a atividade, só há uma pergunta para discussão: “Você conhece algum deles? Você os admira?” A locutora 1 fala sobre Zilda Arns e define-a como “brasileira”, “médica”, “fundadora da Pastoral da Criança”, “coordenadora da Pastoral da Pessoa Idosa” e “heroína” (ordem social). As marcas “2006” (indicação ao Nobel) e “2010” (morte) determinam o modalizador deôntico *simple past* (pretérito do modo indicativo). Não há uso de modalizadores perceptivos. O tom de certeza do discurso é impresso pelo ritmo da própria enunciação: frases curtas, informações específicas. O *ethos* dito “heróico” converge-se com o *ethos* mostrado em tom objetivo, solene.

Sobre Indira Gandhi, a locutora 2 personaliza o discurso através da presença constante do “eu” (plano embreado). No plano linguístico, o uso do índice lexical “inspiração” em detrimento de “heroína” (locutora 1) mostra um *ethos* idealista, que é influenciado por seu ícone. O *ethos* dito “filha da revolução” é mostrado em “ela se tornou a primeira mulher Primeira Ministra da Índia”. Ao justificar os motivos pelos quais admira Indira, a locutora afirma que “Eu a admiro porque ela dedicou sua vida à democracia e trabalhou muito para melhorar a qualidade de vida em nosso país.” Há um uso intenso de modalizadores perceptivos como “é evidente”, “é claro” e “parece-me que”, indicando um *ethos* engajado e inspirador.

A partir da análise dos modalizadores em *éthe* femininos em atividades de *Listening*, apresenta-se o seguinte resultado:

Quadro-resumo 1: *éthe* do *Way to go!* Volume 1.

WAY TO GO! Volume 1		
Unidade	<i>Ethos</i> discursivo	Mundo ético
Unidade 1	<i>Ethos</i> irritado e incisivo	Tecnologias, inovações, problemas da tecnologia
Unidade 5	<i>Ethos</i> heroico, inspirador e engajado	Heróis/heroína, valores

Fonte: Elaborado pelos autores, 2021.

Verifica-se que o volume 1 aborda dimensões experienciais do *ethos* frente às adversidades (unidade 1) e categoriais frente a questões de ordem social (unidade 5). A ênfase nos comportamentos (atitudes) femininos através dos modalizadores (eu te oriento, eu me irritado, eu não aceito, eu acredito, eu ajudo) incorporam um *ethos* comportamental. Além disso, há um apagamento do *ethos* discursivo feminino no *Listening* de todas as demais unidades; as ilustrações reforçam *éthe* estereotipados; há ausência de discussões críticas; a ênfase na compreensão escrita (estruturas gramaticais) e a predominância do *ethos* masculino esboroa o próprio *ethos* comportamental feminino.

5.2. Análise da coleção *voices plus* (editora richmond, 2016)

O Guia Digital do Livro Didático referente ao PNLEM – 2018 apresenta que a coleção tem como “(...) princípio norteador a abordagem interacionista da linguagem associada às teorias dos multiletramentos” (BRASIL, 2017). Suas práticas são voltadas à transversalidade e à inter-

disciplinaridade, proporcionando uma progressão temática em cada volume e na coleção como um todo. Segundo o Guia (2007) há uma grande variedade de textos (verbais e não-verbais) representativos de diversas comunidades nacionais e internacionais dedicados em sua função pragmática. A obra foi organizada por Rogério Tílio, com a colaboração de Doris Soares, Giuliana Gramani, Marcel A. Amorim, Marcelo Santos, Mariana Monteiro, Marina Meira e Nathália Horvath.

Na introdução da obra, os organizadores afirmam que elaboraram a coleção com fins de tornar o aluno protagonista de sua própria história, “(...) permitindo o acesso a outras culturas, experiências e formas de pensar e agir no mundo, bem como interagir com ele.” (TÍLIO, 2016). A coleção apresenta o mesmo padrão didático para os três volumes, organizados em torno das seguintes seções: *Contextualization*, *Audio Literacy*, *Oral Literacy*, *Reading Literacy*, *Linguistic Literacy*, *Writing Literacy*, *Careers* e *Study Skills*. Os apêndices presentes na coleção trazem uma seção de *Project*, *Exams*, *Language reference*; *Glossary/Irregular verb list*; *Transcript/Track list*; *References*.

A obra apresenta-se dividida da seguinte forma: unidade 1: *Autobiography*; unidade 2: – *Body and Mind*; unidade 3: *Cultural Identity*; unidade 4: *Identity and Difference*. Observa-se que a abordagem temática das unidades se encontra centrada no tema “Identidade”. A unidade 1, *Autobiography* (Autobiografia), apresenta diversas obras autobiográficas do gênero masculino e feminino para introduzir o tema. Há uma atividade de *Listening* com a canção *Born this way* (Nascida desse jeito) de Lady Gaga. No plano enunciativo, há a utilização do discurso direto e indireto “Minha mãe me disse que todos nascemos *superstars*” e “Ela disse ‘Ele te fez perfeita’” (TÍLIO, 2016, p. 9 – tradução nossa).

Evocar o *ethos* materno reforça o tom de aconselhamento do discurso; a autoridade aqui provém da própria fiadora (Lady Gaga). No plano embreado, o “eu” torna-se imbricado com a voz do interlocutor (você – ouvinte), reforçando a identificação entre ambos. Expressões como “Seja pobre ou rico”, “Seja você negro, branco, pardo ou hispânico, libanês ou oriental” e “Não importa se você é gay, hétero ou bi, lésbica, transexual” convergem o interlocutor em entes coletivos de pessoas marginalizadas e sobreviventes aos preconceitos, *ethos* seguro, inclusivo. Há uma modalização deôntica (tempos verbais) em vários tempos verbais, como “Não se cubra de arrependimento”, “Apenas se ame”, “Tenha prudência”, “(...) exalte sua verdade” e “Alegre-se e se ame hoje”, indicando aconselhamento (empoderamento), portanto, o *ethos* mostrado é guia,

engajada, sábia, polêmica.

A identidade de gênero exaltada na letra de Lady Gaga é um projeto de resistência à subordinação às identidades legitimadoras do patriarcado, que definem sua posição social. A representação ideológica da resistência identitária é uma premissa discursiva da cantora frente às normas que suprimem as diferenças. A identidade não deve ser assujeitada às coerções de um grupo legitimador. A narrativa surrealista da canção configura um mito geracional que se depara com o preconceito e aprisionamento. A música dialoga com diferentes semiosferas, cria representações alternativas de identidade, denunciando a violência física e simbólica sofrida pela comunidade LGBTQIA+ e pelas mulheres.

A unidade 2, *Body and mind* (Corpo e mente), aborda a relação entre corpo e saúde, estereótipos e o respeito às diferenças. Na seção *Audio Literacy*, um documentário é apresentado para discutir sobre as pressões que afetam os jovens a corresponderem às expectativas sociais. Em relação aos depoimentos femininos, todas as adolescentes relataram uma pressão social sobre aparência física: “você tem que ser de um jeito, você tem que ser líder de torcida e usar esse jeans e usar maquiagem” (locutora 1), “você tem que ser magra” (locutora 2) e “Você tem que ter o corpo perfeito” (locutora 3). O uso do modalizador deontico “ter que” engendra um tom de obrigação e imposição aos corpos. Os índices lexicais corroboram a construção de mitos sobre a mulher “ser magra”, “ser perfeita”, “ser bonita” e “adequar-se”.

A unidade 3, *Cultural Identity* (Identidade Cultural) traz alguns debates sobre o conceito de cultura e identidade. Na seção *Listening Literacy*, os conceitos de raça e etnia são definidos pela professora de Sociologia Stephanie Sears, da Universidade de São Francisco/CA. No plano enunciativo, a frase apresenta complexidade temática (conceito teórico de raça/etnia) e qualidade ortográfica (pronomes relativos *race is that it is*; índices lexicais; *sociohistorical concept*; *exploit people*; *historical concept*, *thems*) que correspondem ao *ethos* dito – pesquisadora, pois infere-se que ela tenha certo domínio dos planos linguísticos para expressar-se (TILIO, 2016, p. 102 – tradução nossa). O *ethos* mostra-se como seguro e imperativo à medida que utiliza modalizadores epistêmicos asseverativos (“realmente” e “justamente”) e verbais (“você tem que entender” e “você tem que pensar”) (TILIO, 2016, p. 102 – tradução nossa). A modalização categórica oculta o “eu” para dar neutralidade à retórica e potencializar a argumentação. O *ethos* mostrado efetiva-se como seguro, inteligente, racional.

A partir da análise dos modalizadores em *éthe* femininos em atividades de *Listening*, apresenta-se o seguinte resultado:

Quadro-resumo 2: *Éthe* do *Voice Plus* Volume 1.

Unidade	<i>Ethos</i> discursivo	Mundo ético
Unidade 1	<i>Ethos</i> identitário, inclusivo, combativo, plural, heterogêneo, engajado	<i>Ethos</i> identitário, inclusivo, combativo, plural, heterogêneo, engajado
Unidade 2	<i>Ethos</i> identitário, inclusivo, heterogêneo, anti- <i>ethos</i> estereotipado, combativo.	<i>Ethos</i> identitário, inclusivo, heterogêneo, anti- <i>ethos</i> estereotipado, combativo.
Unidade 3	<i>Ethos</i> seguro, inteligente, racional	<i>Ethos</i> seguro, inteligente, racional

Fonte: Elaborado pelos autores (2021).

Verifica-se que a obra aborda centralmente a dimensão ideológica do *ethos* frente a questões identitárias femininas (corporalidade, liberdade, gênero, envelhecimento, feminilidade), questões raciais, violência e preconceito. Há um tratamento a questões de transexualidade (unidades 1 e 2). É possível perceber que o posicionamento discursivo dos *éthe* desconstrói dimensões categoriais e experienciais estereotipadas das mulheres. Ao longo do volume, a postura afirmativa dos discursos juntamente com o tom crítico, combativo e militante, especificamente no que tange à questão das mulheres, efetivam um *ethos* feminista.

6. Conclusão

Diante de todo o exposto, pode-se afirmar que o feminismo, enquanto movimento político e teórico que discute os valores, comportamentos e ideais do sistema patriarcal possibilitou uma análise mais complexa e profunda de questões nem sempre tão aparentes nos LDIs. O conceito de interseccionalidade deu voz às diferenças silenciadas repensando sua genealogia e estabelecendo seu espaço na luta por direitos e por reconhecimento. O gênero introduziu novas perspectivas através das quais as práticas simbólicas de representação desfazem seus limites e apresentam-se nas inter-relações de todas as estruturas subjacentes de experiências e práticas sociais. Numa sociedade de herança patriarcal – como a brasileira – essa tomada de consciência possibilita romper com a invisibilidade feminina.

Concebido como gênero do discurso, o LD apresenta um padrão

organizado em torno de seus conteúdos temáticos e estilo. No que tange às atividades de *Listening* e o uso de modalizadores no volume 1 da coleção *Way to go!*, pode ser verificado que o *ethos* está centrado na dimensão especificamente nas dimensões experienciais (características sociopsicológicas) e categoriais (papéis sociais), efetivando um *ethos* comportamental. Esse *ethos* comportamental engendrado pela ausência de proposições avaliativas, pela estereotipação imagética e pela amplitude dos temas (nenhuma abordagem especificamente sobre gênero ou mulher) favorece a naturalização dos estereótipos femininos (mundos éticos) e invisibiliza as interseccionalidades referentes ao “ser mulher”.

Em relação à coleção *Voices Plus*, ela apresenta uma diversidade de imagens e ilustrações que pluralizam o gênero feminino. A intersecção com diversas culturas, idades, raças/etnias, estilos e gêneros favorece uma desconstrução de estereótipos, principalmente no que tange à identidade. O volume 1 apresenta densos debates e leituras sobre as questões de gênero, estereótipos, preconceito e violência, educação, experiências culturais, etc. O *ethos* discursivo está centrado na dimensão ideológica, referindo-se a um *ethos* feminista no sentido reivindicar suas próprias lutas contra a midiaticização da corporalidade feminina, a violência, o preconceito, hierarquização do trabalho e das áreas científicas e a favor das diferenças, da inclusão do gênero, da transexualidade.

Esse olhar contribui para fornecer uma análise atento e crítico na escolha e no uso dos LDIs sob a perspectiva feminina. Trata-se de ouvir os silêncios e enxergar além das páginas. Os livros não são apenas uma escolha pedagógica, mas sim um posicionamento político a partir do qual professores e alunos podem promover uma prática emancipatória e transformadora da educação. Essa pesquisa não se encerra aqui: considera-se necessário continuar fomentando questionamentos e investigações sobre os materiais didáticos e a representatividade feminina no ensino de línguas e sua influência na formação das identidades. Esse tratamento crítico dado ao LD associado à função política e social da LI contribuem para uma formação cidadã, se não livre da dominação, ao menos consciente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMOSSY, Ruth. Da noção retórica de *ethos* à análise do discurso. In: _____. *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2016. p. 9-23

- BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand, 1989.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *Educação em língua materna: A sociolinguística na sala de aula*. 2. ed. São Paulo: Parábola, 2004.
- BRASIL. Ministério da Educação. *PNLD 2018: apresentação – guia de livros didáticos – ensino médio*. Brasília-DF: Ministério da Educação, Secretária de Educação Básica, 2017a.
- _____. *PNLD 2018: apresentação – guia de livros didáticos – inglês – guia de livros didáticos – ensino médio*. Brasília-DF: Ministério da Educação, Secretária de Educação Básica, 2017b.
- BRITISH COUNCIL. *Políticas públicas para o ensino de línguas: um panorama das experiências na rede pública brasileira*. São Paulo: 2019.
- BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Trad. de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- CRENSHAW, Kimberlé W. *Demarginalizing the intersection of race and sex: a black feminist critique of antidiscrimination doctrine, feminist theory and antiracist politics*. University of Chicago Legal Forum: 1989. p. 139-67
- DAVIS, Angela. *A liberdade é uma luta constante*. Organização de Frank Barat, tradução de Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2018.
- FAÏTA, Daniel. Análise das práticas languageiras e situação de trabalho: uma renovação metodológica imposta pelo objeto. In: SOUZA-E-SILVA, M. C. P.; FAÏTA, D. (Orgs). *Linguagem e trabalho: construção de objetos de análise no Brasil e na França*. Trad. de Inês Polegatto e Décio Rocha. São Paulo: Cortez, 2002. p. 45-60
- FRANCO, Claudio; TAVARES, Claudia. *Way to go! Volume 1*. 2. ed. São Paulo: Ática, 2016.
- FRASER, Nancy. From redistribution to recognition? Dilemmas of justice in a “postsocialist” age. In: SEIDMAN, S. (Org.). *The new social theory reader*. Londres: Routledge, 2001. p. 285-93
- GARCIA, Carla Cristina. *Breve história do feminismo*. São Paulo: Claridade, 2011.
- KOCH, Ingedore. *Argumentação e linguagem*. 9. ed. São Paulo, Cortez,

2004.

MAINGUENEAU, Dominique. *Novas tendências em análise do discurso*. Trad. de Freda Indursky. 3. ed. Campinas-SP, Pontes: Universidade Estadual de Campinas, 1997.

_____. *Análise de textos de comunicação*. Trad. de Cecília P. de Souza e Silva e Décio Rocha. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2004.

_____. (1984) *Gênese dos discursos*. Trad. de Sírio Possenti. São Paulo: Parábola, 2008.

_____. A propósito do ethos. In: MOTTA, A.R.; SALGADO, L (Orgs). *Ethos discursivo*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2011. p. 11-30

_____. *Retorno crítico à noção do ethos*. Trad. de Maria Glória Corrêa di Fanti. v. 53, n. 3, p. 321-30, 2018..

MACHADO, Charlinton José S. *et al.* Gênero e práticas culturais: desafios históricos e saberes interdisciplinares. In: _____. *Gênero e práticas culturais: desafios históricos e saberes interdisciplinares*. Campina Grande: EDUEPB, 2010. p. 9-20

MIRANDA, Beatriz; OLIVEIRA, Otoniel Lopes de. *Protagonismo feminino nos quadrinhos: Representação, feminismo e super-heróis*. São Paulo, 2017.

SAFFIOTI, Heleieth. *A mulher na sociedade de classes: mitos e realidade*. Rio de Janeiro: Rocco, 1979.

TÍLIO, Rogério *et al.* *Voices Plus*. Vol. 1. São Paulo: Richmond, 2016.